

ÍNDICE

- 4 25º Festival Internacional de Teatro de Almada – Obrigada Joaquim Benite**
por Maria Emília Neto de Sousa, Presidente da Câmara Municipal de Almada
- 6 Do beco dos tanoeiros ao novo TMA**
por Joaquim Benite, director do Festival de Almada
- 8 Homenagem 2008: João Vieira**

ESPECTÁCULOS

- 11 Gengis entre os pigmeus**, de Gregory Motton, encenação de Pedro Marques
- 12 Numa certa noite**, de Luís Mestre, encenação de António Simão
- 13 Dentro de mim outra ilha**, coreografia de Panaibra Gabriel
- 14 Hipólito**, de Robert Garnier, encenação de Robert Cantarella
- 15 O dia em que Nina Simone deixou de cantar**, de Darina al Joundi, encenação de Alain Timar
- 16 A festa**, de Filipe Homem Fonseca, Nelson Guerreiro e Tiago Rodrigues, criação colectiva
- 17 Hóspedes indesejados**, recolha de textos, dramaturgia, e encenação de João Mota
- 18 A força do hábito**, a partir de Thomas Bernhard, encenação de Mónica Calle
- 19 Quarto interior**, direcção artística de André Braga e Cláudia Figueiredo
- 20 Stabat Mater**, de Antonio Tarantino, encenação de Jorge Silva Melo
- 21 O lago**, de Ana Mendes, encenação de João Miguel Rodrigues
- 22 Um conto minor**, de John Dennis, encenação de Sidonie Han e Laurine Schott
- 23 Feminine**, a partir de Fernando Pessoa, coreografia de Paulo Ribeiro
- 24 Gulliver**, de Jaime Lorca, segundo Jonathan Swift, encenação de Jaime Lorca
- 25 Luís Madureira canta Barbara**, de Luís Madureira
- 26 Peer Gynt**, de Henrik Ibsen, encenação de Peter Zadek
- 28 Numa língua fraca**, de Grassa Toro e Jürg Scgubiger, encenação de Blanca Resano
- 29 A casa velha**, de Abelardo Estorino, encenação de Julio César Ramírez
- 30 Mistério do Cristo dos Gascões**, dramaturgia e encenação de Ana Zamora
- 31 A última história de Werther**, de Inês Leitão, encenação de João Meireles
- 32 On the road**, de Carlos J. Pessoa, encenação de Ana Palma
- 33 Canções de Brecht**, de Kurt Weill, Hans Eisler, Paul Dessau, Kurt Schwaen, Franz Bruinier, Theodor Adorno e Bertolt Brecht
- 34 O Cid**, de Pierre Corneille, encenação de Alain Ollivier
- 35 O envelope**, de Spiro Scimone, encenação de Francesco Sframeli

ACTOS COMPLEMENTARES

- 37 Exposições**
- 43 Encontros da Cerca**
- 45 Colóquios / Debates**
- 46 Música na Esplanada**

25º FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE ALMADA

OBRIGADA JOAQUIM BENITE

E APLAUSOS PARA A COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

Em Julho de 1984 realizava-se no nosso Concelho a primeira edição do Festival de Teatro de Almada.

O Grupo de Campolide, hoje Companhia de Teatro de Almada, encetava então, com aquele novo projecto, os trilhos de um sólido e consistente caminho na promoção, divulgação e valorização da arte de representar que, ao longo de milénios de história da humanidade, sempre acompanhou o ser, o viver, e o sentir dos Homens.

Em 2008, Almada vai viver e festejar com muito orgulho a 25ª Edição do Festival Internacional de Teatro. Esta edição vai seguramente constituir um novo e importante contributo para a promoção da cultura, do saber e do conhecimento no nosso Concelho e na Região.

Mas esta 25ª Edição do Festival de Almada constituirá, também de novo, um momento privilegiado para que nos possamos divertir, usufruindo momentos de lazer e bem estar, na sadia confraternização entre velhos e novos amigos, uma extraordinária oportunidade para assistirmos, e mais do que isso participarmos, na representação de venturas e desventuras da nossa vida quotidiana que, este ano, nos é proporcionada por companhias de Portugal, Alemanha, Chile, Cuba, Itália, Espanha, França e Líbano.

Durante 15 dias, as plateias do Festival vão, mais uma vez, encher-se com os milhares de espectadores fiéis, e muitos outros novos apreciadores que a cada edição o Festival vai conquistando.

Construir um Festival Internacional de Teatro mantendo durante 25 anos consecutivos a mais elevada qualidade, não é com certeza obra fácil.

O êxito nacional e internacional do Festival de Almada que nesta edição festejamos, é fruto de uma enorme exigência e de um rigor inexecedível dos responsáveis pela programação de cada ano, da dedicação e empenho de todas as mulheres e homens que dão corpo a esta grande manifestação de arte e de cultura, actores, encenadores, técnicos e outros apoios, e igualmente do extraordinário



público apreciador da arte milenar de representar que todos os anos adere em grande número ao Festival.

A todos quero expressar em nome dos Almadenses os mais sinceros agradecimentos. Ao Joaquim Benite, Director de sempre do Festival Internacional de Teatro de Almada, responsável pela superior qualidade da programação que nos vem sendo oferecida há 25 anos consecutivos, aqui lhe presto publicamente a minha profunda e sincera homenagem.

Obrigada, Joaquim Benite!

À Companhia de Teatro de Almada, pelo incansável trabalho de organização e produção desta grande manifestação da arte e da cultura do nosso País e do Mundo, uma calorosa e fraternal saudação e o agradecimento por mais uma edição deste grande evento cultural.

Este ano, o Festival irá homenagear uma grande personalidade das artes plásticas, o Pintor João Vieira, desde há longos anos intimamente ligado ao teatro, a quem dirijo as felicitações pela sua obra, e o agradecimento pelo valioso contributo que dá a esta 25ª Edição do Festival de Teatro de Almada.

A todos os artistas vindos de Portugal e das quatro partidas do mundo, uma saudação carinhosa e amiga. É uma honra receber-vos nesta vossa Casa.

Bem vindos a Almada e boa estadia.

Viva o Teatro!

Maria Emília Neto de Sousa
Presidente da Câmara Municipal de Almada

DO BECO DOS TAOEIROs AO NOVO TMA

Quando, em 1984, num improvisado e pequeno palco de ar livre instalado no Beco dos Tanoeiros, na zona velha de Almada, se fez a primeira *Festa de Teatro* (a denominação primitiva, que se manteve durante vários anos) não poderíamos, naturalmente, prever que quase um quarto de século depois o Festival de Almada se transformaria no grande acontecimento cultural, de expressão nacional e internacional, que hoje, inegavelmente, é.

Para chegarmos à 25ª edição, com uma regularidade anual que não sofreu a mais pequena perturbação, foi necessário vencer inúmeras dificuldades e ultrapassar obstáculos de natureza diversa (uns inerentes à ambição do projecto, outros inevitáveis no contexto em que o Festival nasceu e se desenvolveu, outros ainda desnecessários e determinados por factores que sempre confluem no nosso País para ignorar quaisquer iniciativas culturais que visem ultrapassar a rotina, impor a inovação e afirmar uma identidade própria). É, contudo, também, verdade que num processo de luta tenaz pela sobrevivência, crescimento e aprofundamento do projecto, tivemos o ensejo de encontrar apoios, cumplicidades, colaborações marcadas pela inteligência generosa dos que acreditam que está ao alcance dos homens, nas suas mínimas acções, alterar as condições em que se movem.

Só conseguimos chegar ao 25º Festival de Almada porque uma cadeia extensa de solidariedade se foi desenvolvendo, logo desde o início, em torno do nosso programa. Muitas personalidades, portuguesas e estrangeiras, nos ajudaram ao longo destes 25 anos; muitos colaboradores apaixonaram-se pelo Festival e a ele trouxeram competência e dedicação; muitos artistas e criadores aceitaram, em momentos diferentes do processo, e muitas vezes com sacrifícios consideráveis, esquecer os seus próprios interesses e juntar-se ao que entenderam ser uma iniciativa que era positiva para o teatro em geral e para o próprio País.

Foi em Almada que o Festival plantou as suas raízes e foi aqui que cresceu e se desenvolveu. Os valores que defende — o direito a um cada vez maior enriquecimento cultural, o direito de todos a aceder aos instrumentos do pensamento e da reflexão e ao desenvolvimento da personalidade artística,



a par de melhores e mais justas condições materiais de vida — encontram um acolhimento amplo nesta cidade. Esses valores, acrescentados ao estímulo da criação artística inteiramente livre, ao fomento do debate e da discussão, à tolerância e ao respeito pelo outro, constituem o essencial da *Magna Carta* não escrita, mas experimentada ao longo da história do Festival, e são também os valores que inspiram a actividade da Câmara de Almada e que explicam a sua participação activa no Festival ao longo destes anos.

Vinte e cinco festivais são muitos festivais. É, talvez, altura para um balanço e para pensar no futuro. Ao longo dos anos deram-se muitas transformações, embora, no essencial, o formato se tenha mantido. A reflexão que será feita na mesa-redonda que organizamos este ano poderá ajudar-nos a buscar novos caminhos e a acertar nas respostas a questões novas. A exposição sobre o Festival, não procurando ser um balanço, é, também, um elemento que poderá ajudar-nos a reflectir. Espero que muitos participem nessa reflexão conjunta.

Do Beco dos Tanoeiros ao novo TMA foi um longo caminho. Mas novos caminhos se abrem — assim se compreenda a necessidade de percorrê-los.

Joaquim Benite
Director do Festival de Almada

HOMENAGEM 2008: JOÃO VIEIRA



Filho de dois professores primários (que talvez lhe tenham incutido o gosto pela escrita e pelas letras), João Vieira, a personalidade homenagiada este ano pelo Festival de Almada, nasce em Vidago, Trás-os-Montes, em 1934. Vem depois para Lisboa, onde ingressa em 1951 no curso de pintura da Escola Superior de Belas-Artes. Desiludido com o ensino aí praticado, abandona os estudos dois anos depois, chegando mesmo a deixar de pintar em 1954, ano em que se retira em Trás-os-Montes.

De novo em Lisboa, reinicia a sua actividade artística no estúdio por cima do Café Gelo, que partilhava com René Bertholo, Gonçalo Duarte e José Escada. Será também neste espaço, tradicionalmente ligado a tertúlias surrealistas, que João Vieira se ligará a um grupo de escritores, poetas e artistas (como Manuel de Castro, Herberto Helder, Helder Macedo e João Rodrigues), que tinham em comum a mesma vontade de distanciação das correntes artísticas defendidas pelos demais grupos, tanto como dos ideais da ditadura. Este contacto juvenil ecoa ainda no mercado experimentalismo que caracteriza toda a sua produção.

A sua primeira exposição realiza-se em 1956, no I Salão dos Artistas de Hoje (SNBA, Lisboa) e, no mesmo ano, participa numa mostra colectiva de sete jovens artistas portugueses (7 Junge Portugiesische Künstler) no Kunstverein de Hannover.

Um ano depois parte para Paris, onde é aluno de Henri Goetz na Academie de la Grande Chaumière. Funda, juntamente com René Bertholo, Lourdes Castro, Gonçalo Duarte, José Escada, Christo e Jan Voss, o grupo KWY.

Em Janeiro de 1959, a Galeria Diário de Notícias, em Lisboa, recebe a sua primeira exposição individual e, nesse mesmo ano, torna-se bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, o que assegura o seu retorno a Paris, para trabalhar com o pintor Arpad Szenes. Mantém a colaboração com o KWY, com quem trabalha na realização das revistas e com quem participa nas exposições em Saarbrücken (1960), Lisboa (1960), Paris (1961) e Bolonha (1962). Relaciona-se igualmente com António Saura, pintor gestualista do grupo El Paso, a quem dedica a pintura António (1963).

O interesse pelos signos do alfabeto, tomados como elementos-base da sua criação, revela algumas influências, que passam da poesia experimental ao graffiti, ao cartazismo pop e às actividades dos letristas franceses dos anos 50. Contudo, há uma vontade de liberdade, seja ela interpretativa ou corporal, que ultrapassa todas estas influências e gera um percurso muito próprio, que vai além da pintura, expandindo-se pelos campos da escultura, do teatro, da performance, e da cenografia.

Ana Filipa Ramos

O HOMEM DE TEATRO

No princípio da década de 70, quando, por um deste impulsos que descobrimos, afinal, serem o resultado de indetectadas meditações (e não são, portanto, impulsos) me veio a ideia de trocar a actividade de crítico teatral pela prática do teatro, defrontei-me com a necessidade, inerente aos projectos que implicam um trabalho colectivo, de angariar apoios e eleger cumplicidades.

No meio artístico, claro, já que de teatro se tratava. Mas que meio? Mas que artístico? Lisboa fervilhava, nessa época, com grupos, tertúlias, escolas e capelas. As polémicas, as divisões, as discussões sobre o lugar da estética ou sobre a responsabilidade social da arte, alimentavam, ou justificavam, os movimentos de cada um. Brecht, Grotowsky, Artaud — e os inimigos comuns, o naturalismo, o academismo, a ditadura — serviam de referentes nos combates excessivos que, de algum modo, anunciavam as transformações que em poucos anos haveriam de alterar o panorama do teatro português.

Foi nessa agitada movimentação que (me) surgiram aqueles que, com o seu trabalho e o seu convívio, me ajudaram a crescer num território em que me aventurava sem uma consciência nítida dos riscos que corria. Eram pessoas do meio artístico, mas de um meio artístico particular, que começava a superar as velhas contradições teóricas e que procurava, com entusiasmo, ardor e alegria, operar sínteses e, no coração dos mais aparentemente irresolúveis conflitos, descobrir saídas e encontrar novos caminhos. Gente livre. Para quem a busca de linguagens novas e o desejo radical de modernidade não eram incompatíveis com a responsabilidade política e a intervenção social.

Ter-se-á percebido que desde a primeira linha penso em João Vieira. No criador plástico, certo, que trouxe ao Grupo de Campolide a qualidade conceptual da sua cenografia e dos seus figurinos, a minúcia e o rigor de um trabalho que não dispensava a participação artesanal e a mestria ímpar do colorista. Mas também na pessoa humana. No companheiro que, desfrutando já nessa altura de um prestígio artístico individual que o resto da equipa não possuía, se comportava como se todos estivessem ao seu nível, com uma paciência infinita para ensinar toda a gente a participar na construção dos cenários, na fabricação dos adereços, e com uma genuína alegria perante o êxito colectivo. Era um tempo em que não havia dinheiro — quer dizer, não havia dinheiro nenhum. Ninguém ganhava nada. As soluções cénicas de João Vieira, sempre inventivas (os plásticos da primeira versão de *Que farei com este livro?*, a cortina de 1383, o fantástico monstro engolidor de criaturas humanas de *Fulgor e morte de Joaquim Murieta*, os figurinos magistras de todas estas produções), eram o resultado de um empenho tenaz e generoso, sem o qual de nada serviria o esforço imaginativo.

Da obra de João Vieira como artista plástico muitos já falaram e continuarão a falar, com a competência que a mim naturalmente falta. Todos reconhecem que é um dos nomes cimeiros das artes plásticas. Mas é, também, um dos grandes nomes do teatro português, em que interveio como cenógrafo, como figurinista e como encenador. Se me permitem o atrevimento gostaria de dizer que, para mim, a personalidade de João Vieira como homem de teatro é visível, de resto, em toda a sua actividade criativa: um longo discurso sobre o corpo e o espaço — referentes insubstituíveis da prática teatral.

Joaquim Benite



ESPECTÁCULOS

GENGIS ENTRE OS PIGMEUS

de GREGORY MOTTON

Encenação de PEDRO MARQUES

M12

FORA DE CENA
LISBOA | PORTUGAL

Co-produção: Culturgest / Festival de Almada

Gengis entre os pigmeus é uma farsa ao jeito de *Rei Ubu*, de Alfred Jarry, e de *A resistível ascensão de Arturo Ui*, de Bertolt Brecht. Juntamente com *Gato e rato* (carneiros) e *Férias ao sol*, este texto integra uma trilogia dedicada ao consumismo e à perda de identidade.

Nesta peça o herói, sintomaticamente homónimo do imperador mongol Gengis Cão (o maior guerreiro de sempre), ascende meteoricamente às elevadas estruturas do capitalismo e, com a ajuda do tio e da titi, desvirtua-o e descontrola-o.

Esta é uma fabulosa metáfora dos nossos dias, do consumo desenfreado e da neurose obsessiva.

Pedro Marques

Gregory Motton (Londres, 1961) é uma voz viva e original do teatro contemporâneo. Por isso conquistou um lugar à parte no teatro inglês. Os temas que aborda e o estilo poético e satírico da sua escrita são implacavelmente apropriados aos tempos em que vivemos. Motton não escreve só com uma voz distinta: escreve com um humor próprio, iconoclasta, próximo dos famosos Monty Python mas também do sarcasmo de dramaturgos como Odön Von Horvath ou Bertolt Brecht. *Chicken*, a sua primeira peça, foi apresentada em Abril de 1987 nos Riverside Studios, em Londres. Seguiram-se *Ambulân-*

cia (1987, Royal Court Theatre); *Queda* (1988, Royal Court Theatre); *Ao olhar para ti (renascido) de novo* (1989, Leicester); *Lazy Brien* (Peça radiofónica, 1992); *Recado aos corações despedaçados* (1993, Liverpool); *A terrível voz de Satanás* (1993, Royal Court Theatre); *Gato e rato (carneiros)* (1995, representada em inglês em Paris, no Petit Odéon); *Forest mirrors*; *Uma pequena sátira*; *Um monólogo*; *Em louvor do progresso*; *A ilha de Deus*; e *Gengis entre os pigmeus*.

Intérpretes **Dinarte Branco**
Teresa Sobral
Inês Nogueira
Pedro Marques
Teresa Tavares
Pedro Marques

Tradução **Luís Mouro**
Cenografia e figurinos **Fora de Cena**
Iluminação **Pedro Marques**
Produção executiva **Andreia Ferreira**
Pedro Polónio

Fotografia

Língua **Português**
Duração **1h30 (Previsão)**

Culturgest - Lisboa **Pequeno Auditório**

21h30	Sex	4
21h30	Sáb	5
17h00	Dom	6
21h30	Ter	8
21h30	Qua	9
21h30	Qui	10

NUMA CERTA NOITE

de LUÍS MESTRE

Encenação de ANTÓNIO SIMÃO

M16

ARTISTAS UNIDOS
LISBOA | PORTUGAL

Apoio: Instituto Franco-Português

Numa certa noite, a estreia de Luís Mestre como dramaturgo, é o primeiro dos três espectáculos que os Artistas Unidos estreiam este ano no Festival de Almada integrados na iniciativa *Isto não é um concurso*, que decorreu entre Julho e Dezembro do ano passado e que consistiu na selecção de três peças de autores nunca levados à cena. Os textos foram escolhidos por uma comissão informal composta por Andreia Bento, António Durães, Jorge Silva Melo e Miguel Lobo Antunes. *Numa certa noite* aborda o drama de uma família que se desmorona quando o Pai, ausente, resolve um dia regressar a casa, para jantar, e nunca mais partir.

Luís Mestre nasceu em 1974 e vive no Porto. É encenador, actor e tradutor. Interpretou peças de dramaturgos como Alfred Jarry, John Ford, Laura Cunnigham, Harold Pinter, Sergio Belbel, Edward Bond, Lars Norén, David Mamet, Sófocles, Carl Djerassi, Nuno Costa Santos, Luís Filipe Borges, entre outros, e já dirigiu textos de David Mamet, Joe Penhall, Raimondo Cortese, R. W. Fassbinder, Heiner Müller, Enzo Cormann, Antonio Tabuchi, Lucien Lambert, Edward Bond, Eric Bogosian, Sarah Kane, etc. Traduziu peças de Edward Bond, David Mamet, Joe Penhall, Raimondo Cortese, e Eric Bo-

gosian. No cinema trabalhou com Inês Oliveira e Edgar Pêra. É director artístico do Teatro Nova Europa desde 2004.

Intérpretes	Cândido Ferreira Luís Godinho Sofia Correia
Cenografia e figurinos Luz	Rita Lopes Alves Pedro Domingos
Direcção de produção	António Filipe Luís Godinho
Coordenação	Jorge Silva Melo Andreia Bento
Língua Duração	Português 1h00 (Previsão)
Instituto Franco-Português Lisboa	Auditório

21h30	Sex	4
21h30	Sáb	5
19h00	Dom	6
19h00	Seg	7

DENTRO DE MIM OUTRA ILHA

Coreografia de PANAIBRA GABRIEL

M12

COMPANHIA CULTURARTE
MAPUTO | MOÇAMBIQUE

Esta criação consiste num intercâmbio entre o “eu” e o “outro”, entre o homem e o ser actual, entre o ser e o indivíduo. E também entre o ser como parte de uma grande mentira, um paradoxo, particularmente no Mundo actual da globalização social, onde há escassez e abundância, secas e inundações, pobres e ricos, subdesenvolvidos e desenvolvidos. Onde o “eu” e o “tu” se encontram, os meus olhos reconhecem um semelhante mas a minha mente vê-te como um estranho. Moçambique sofreu graves inundações em 2002 e, em simultâneo, sofreu também um dos períodos de seca mais longos de que há memória.

CulturArte

Panaibra Gabriel, natural de Maputo, tem formação artística em teatro, música e dança. Estreou-se em 1993 como bailarino de dança tradicional e formou-se em dança contemporânea com diversos coreógrafos: Vera Manteiro (Portugal), Frans Poelstra (Holanda), Meg Stuart (EUA) e Reggie Williams (EUA). Em 1998 criou a CulturArte e dedicou-se ao desenvolvimento de diversos projectos de formação e criação artística. Actualmente dedica-se tanto à coreografia como à formação e colabora também com outros artistas em projectos multiculturais da África Meridional e de outras partes do mundo.

Dentro de mim outra ilha estreou-se em 2004 em Maputo, tendo já sido apresentado em Paris, Tunes, Roma, Pescara, Berlim, Hamburgo, Barcelona, Biarritz, Amsterdão, etc.

Intérpretes	Domingos Bié Edna Jaime Horácio Macuacua, Ídio Chichava Sónia Mlapha
Figurinos	Dona Lúcia
Desenho de luz	Quito Tembe
Composição musical	Rufas Maculuve
Convidados para a composição musical	Guimarães Vilma Nené
Língua	Português
Duração	00h40
Escola D. António da Costa - Almada	Palco Grande

22h00 Sex 4

TEATRO

HIPPOLYTE | HIPÓLITO

de ROBERT GARNIER

Encenação de ROBERT CANTARELLA

M16

THÉÂTRE DIJON BOURGOGNE

Co-produção: Passer pour des Belges e Festival d'Avignon 2007

DIJON | FRANÇA

Com o apoio de CulturesFrance e Instituto Franco-Português

Hippolyte foi composto em 1573, um século antes da Fedra de Racine. Garnier escreve a céu aberto, ao vento, sem qualquer policiamento. As suas figuras teatrais são íntegras, quase monolíticas. A mulher ama o seu enteado, quer satisfazer o seu amor, quer concretizá-lo. Ele, porém, jovem, amante da Natureza, caça nas redondezas do palácio. A natureza chama-o de todos os lados. A língua, organizada pela gramática, empenha-se em afastá-lo dela para melhor definir e atrair as vontades e os impasses do corpo. A Fedra de Garnier é natural. Ela ama e não mede as suas acções, e portanto morrerá.

Robert Cantarella

Hippolyte foi escrita após o massacre de Saint-Barthélemy, em 1572, perpetrado por católicos contra protestantes. Robert Garnier (1544-1590) foi o primeiro autor no seu país a ousar tratar o tema do amor incestuoso de Fedra pelo seu enteado. Robert Cantarella criou este texto no Festival d'Avignon 2007 e convidou para o papel de Mensageiro Frédéric Fisbach, justamente o Artista Associado do Festival desse ano. Director do Théâtre Dijon Bourgogne até ao ano passado, Robert Cantarella, um dos principais nomes do teatro europeu actual, deixou o cargo para se tornar, juntamente com Fisbach, co-director do

104, um novo centro de artes em Paris. **Hippolyte** representa ainda o regresso a Almada de Emilien Tessier, o conceituado actor francês que em 1991 se apresentou no Festival com *Simplement compliqué*, de Thomas Bernhard, com o Théâtre de la Chamaille.

Intérpretes

Frédéric Fisbach
Johanna Korthals Altes
Laure Mathis
Nicolas Maury
Grégoire Tachnakian
Emilien Tessier
e o cão **Syp**
Laurent P. Berger

Cenário e luzes

Colaboração

na encenação

Dramaturgia

Versão para a cena

Julien Fišera
Camille Louis
Robert Cantarella
Julien Fišera
Camille Louis
Alexandre Meyer
Patrick Buoncristiani
Etienne Girardet

Música

Produção

Treinadora do cão

Língua

Francês.

Legendado em português

Duração

1h15

Teatro Municipal

de Almada - Almada

Sala

Experimental

15h30 Sáb 5

18h00 Sáb 5

20h30 Sáb 5

15h30 Dom 6

18h00 Dom 6

20h30 Dom 6

TEATRO

LE JOUR OÙ NINA SIMONE A CESSÉ DE CHANTER

O dia em que Nina Simone deixou de cantar

de DARINA AL JOUNDI, com a cumplicidade de MOHAMED KACIMI

Encenação de ALAIN TIMAR

M16

THÉÂTRE DES HALLES

Co-produção: Cie Noun

AVIGNON | FRANÇA

Estreada no Festival d'Avignon do ano passado, *O dia em que Nina Simone deixou de cantar* conta a história de Noun, uma mulher que na noite do velório do seu pai interrompe os salmos do *Corão* que acompanham obrigatoriamente a cerimónia, o que provoca enorme escândalo. Noun decide fechar-se com o seu pai para lhe dizer aquilo que tem no coração, e para lhe lembrar todas as lições de liberdade que recebeu dele. Noun é livre face à morte, mas apenas uma porta a separa do mundo hostil.

Filha de todas as guerras do Líbano, *Darina al Joundi* queimou a sua infância e juventude em Beirute, cidade de todos os excessos, que tanto abusa da morte como do amor. *Darina* atravessou, defendendo-se com o seu próprio corpo, as noites de Beirute. Viveu de perto e sentiu na própria pele a exclusão, por parte dessa sociedade conservadora e feudal que não hesita em excluir e banir quem puser em causa o espaço religioso.

Mohamed Kacimi

Darina al Joundi nasceu em Beirute em 1968 e é actriz desde os oito anos, actividade que partilha com a de escritora e de realizadora de curtas

metragens. Desde há sete anos que integra a produtora e distribuidora de cinema Crystal Films, onde é conselheira artística. Para o teatro, adaptou textos de Bergman, Ionesco, Kafka, entre outros.

Intérprete **Darina al Joundi**
Cenografia **Alain Timar**
Luz e som **Hugues Le Chevrel**
Figurinos **Marie-Hélène Bouvet**
Construção do cenário **Théâtre des Halles**

Língua **Francês.**
Legendado em português
Duração **1h15**

Fórum Romeu Correia Almada **Auditório**
Fernando Lopes-Graça

16h00 Sáb 5

A FESTA

de FILIPE HOMEM FONSECA, NELSON GUERREIRO E TIAGO RODRIGUES
Criação colectiva

M12

MUNDO PERFEITO E TEATRO MARIA MATOS
Co-produção: Festival de Almada 2008, Alkantara Festival,
DeVIR/CAPa, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão
LISBOA | PORTUGAL

Com o apoio de Brasserie Flo, Extart & Panno, Espaço Land, Stampen e Niepoort

A festa é a primeira criação resultante do projecto *Estúdios*, uma colaboração de Mundo Perfeito com o Teatro Maria Matos, e que este ano integra o Festival de Almada. Este espectáculo tem origem em três *workshops* dirigidos pelo realizador português João Canijo, por Pavol Liska e Kelly Copper (directores artísticos da companhia americana Nature Theatre of Oklahoma) e pelo coreógrafo congolês Faustin Linyekula. Ao longo destas sessões, a equipa artística deste espectáculo explorou diversos processos de trabalho e desenvolveu vários fragmentos de uma obra teatral dedicada ao tema da *festa*.

Baptizados, casamentos, aniversários e até funerais. *Festas de Natal, de Ano Novo e feriados populares. Festas de empresa, festas de escola, celebrações de vitórias desportivas, bélicas, eleitorais, etc. As festas são também momentos performativos, onde se repetem gestos, rituais, assumindo-se personagens. Nas festas, podemos observar a natureza humana na sua faceta mais teatral.*

A festa é também uma noção essencial na *História do Teatro*. Foi em festas, tanto nos palácios das cortes como nas celebrações populares, que nasceram muitas das obras mais marcantes da dramaturgia universal. A per-

gunta que queremos lançar é: que festa podemos hoje fazer num teatro? Que pode o teatro celebrar? Pode o teatro, ele próprio, ser ainda uma festa?

Mundo Perfeito

Intérpretes **Cátia Pinheiro**
Cláudia Gaiolas
Joaquim Horta
Marcello Urghege
Rita Blanco
Tiago Rodrigues
Tónan Quito
Colaboração **João Canijo**
Faustin Linyekula
Kelly Copper
Pavol Liska
Cenário e luz **Thomas Walgrave**
Direcção de produção **Magda Bizarro**
Assistência de produção

Moirika Reker

Língua **Português**
Duração **1h30 (Previsão)**

Teatro Maria Matos **Sala**
Lisboa **Principal**

21h30	Sáb	5
17h00	Dom	6
21h30	Qui	10
21h30	Sex	11
21h30	Sáb	12
17h00	Dom	13

HÓSPEDES INDESEJADOS

Recolha de textos, dramaturgia, versão cénica e encenação de JOÃO MOTA

M12

COMUNA – TEATRO DE PESQUISA
LISBOA | PORTUGAL

Hóspedes indesejados apresenta um conjunto de situações quotidianas que retratam as relações familiares entre adultos e crianças, revelando não só o confronto entre gerações como também os conflitos internos de cada um.

O modo como desejos, aspirações e expectativas se moldam às diferentes fases da vida é tornado ainda mais evidente na forma como as personagens se relacionam com os seus pais e/ou filhos. O núcleo familiar é assim ponto de partida para um conjunto de situações equívocas, divertidas e por vezes surpreendentes, onde se revelam os afectos das relações familiares e se mostra como expectativas e desilusões se tornam comuns, quando se procura resolver a insatisfação do eu através da projecção de ideais de perfeição sobre o outro.

Comuna – Teatro de Pesquisa

João Mota nasceu em Tomar em 1942 e estudou no Centre International de Recherches Théâtrales, de Peter Brook, no ano 1970/71. Em 1957 ingressou no Teatro D. Maria II, onde permaneceu 10 anos. Fundou a Comuna – Teatro de Pesquisa em 1972, companhia que ainda hoje dirige e na qual já dirigiu mais de 90 Produções.

Encenações suas foram apresentadas em vários países da Europa e América do Sul. Foi membro fundador e director

da Convenção Teatral Europeia. Em 1992 foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique e em 2007 foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal Grau Ouro, e a Medalha de Mérito Cultural.

Intérpretes

Hugo Franco
João Tempera
Jorge Andrade
Judite Dias
Maria Ana Filipe
Mia Farr
Miguel Sermão
Tânia Alves

Desenho de luz

João Mota

Figurinos

Alfredo Platas

Confec. guarda-roupa

Carlos Paulo
Mestra Aurélia Braz

Máscaras

Renato Godinho

Equipa técnica

Alfredo Platas

Renato Godinho

Mário Correia

Fábio Miquelini

Susana Paiva

Cremilde Paulo

Madalena Rocha

Leonor Gama

Assunção Dias

Eduardina Sousa

Rosário Silva

Carlos Bernardo

Raquel Lima

Fotografia

Assistência geral

Produção

Assistente de produção

Língua

Português

Duração

1h20

Escola D. António
da Costa - Almada

**Palco
Grande**

22h00

Dom 6

TEATRO

A FORÇA DO HÁBITO

A partir de THOMAS BERNHARD
Encenação de MÓNICA CALLE

M12

CASA CONVENIENTE
LISBOA | PORTUGAL

A força do hábito aborda dois pólos da criação artística – e especificamente acerca da matéria do artista “executante” ou intérprete: o seu rasgo, a sua constituição ética e o compromisso para com crenças e valores que o implicam num modo de ser e estar na vida. Neste texto de Thomas Bernhard, são as discrepâncias entre uma ética e a sua concretização que atormentam tanto um director de um circo como os artistas por ele dirigidos. E o facto de este director obrigar os membros do seu grupo a embarcar numa extravagância que extrapola os deveres e as competências destes artistas de circo – serem músicos.

Casa Conveniente

Thomas Bernhard (1931-1989), autor de 19 novelas, 17 peças de teatro, e vários escritos autobiográficos é considerado um dos mais importantes (e polémicos) autores de língua alemã da segunda metade do século XX, sendo um dos dramaturgos actualmente mais representados na Europa. O estilo irónico e mordaz quanto à caracterização do seu próprio país valeu-lhe uma relação de amor/ódio com o povo austríaco. No seu testamento, Bernhard chegou a deixar escrito que proibia a repre-

sentação dos seus textos na Áustria. *O fazedor de teatro* (1984) e *Heldenplatz* (1988) são duas das suas peças mais conhecidas.

Intérpretes
David Pereira Bastos
Mónica Calle

Acessórios
Fernanda Pereira /GDE
Maria Azevedo
Fotografia das telas
Ricardo Brito
Fotografia de cena
Música
Naragonia Martin-Pêcheur/
Pink Molly,
do álbum Tandem

Produção executiva
Alexandra Gaspar

Língua
Português
Duração
1h45

Fórum Romeu Correia
Almada
Auditério
Fernando Lopes-Graça

21h30	Ter	8
18h00	Qua	9

QUARTO INTERIOR

Criação colectiva

Direcção artística de ANDRÉ BRAGA e CLÁUDIA FIGUEIREDO

M12

CIRCOLANDO
PORTO | PORTUGAL

Quarto interior estreou-se em 2006 e é o primeiro trabalho do ciclo Poética da Casa, que a companhia portuense Circolando tem vindo a desenvolver (já este ano, em Maio, foi apresentado *Casa-Abrigo*, prevendo-se que o terceiro espectáculo – *Mansarda* – possa ser visto em 2009). Procurando fundamentar uma verdadeira linguagem transdisciplinar, a Circolando apostou no desenvolvimento de uma teatralidade gestual, que alia uma riquíssima densidade lírica à rigorosa exploração da potencialidade imagética de materiais elementares.

É com absoluta inventividade e surpresa que, em *Quarto interior*, os corpos dos dois intérpretes, uma árvore ressequida, portas velhas de edifícios urbanos, uma cama antiga e um estrado de madeira se fundem e transfiguram diante do espectador. A busca de uma essencialidade arraigadamente poética não se faz, porém, sem uma subtilíssima ironia que potencializa um jogo permanente de construção e desconstrução de sensações visuais e sonoras. O tom expressionista que a malsã iluminação amarelada instala em cena contribui para esvaziar qualquer excesso emotivo, resolvendo-se o espectáculo num horizonte performativo de humor inquieto e melancólico.

Apesar de só ter iniciado a sua actividade em 1999, a Circolando é já hoje uma referência nacional e internacional.

Intérpretes	André Braga João Vladimiro ou Patrick Murys
Concepção plástica	André Braga
Figurinos	Rute Moreda
Luz	Cristóvão Cunha
Música	Alfredo Teixeira
Direcção de produção	Ana Carvalhosa
Desenho de som	Harald Kuhlmann
Língua	Português
Duração	1h05
Escola D. António da Costa - Almada	Palco Grande

22h00 Qua 9

TEATRO

STABAT MATER

de ANTONIO TARANTINO

Encenação de JORGE SILVA MELO

M18

ARTISTAS UNIDOS
LISBOA | PORTUGAL

Co-produção: São Luiz Teatro Municipal / Festival de Almada

Stabat mater, um texto sobre uma ex-prostituta à procura do filho desaparecido, é a primeira peça de uma tetralogia de Antonio Tarantino, da qual fazem também parte *Paixão segundo João*, *Vésperas da Virgem Santíssima* e *Brilharetos*, que lhe valeu o mais alto e prestigioso reconhecimento dramático para a escrita teatral italiana: o Prémio Riccione. A interpretação do espectáculo agora apresentado no Festival de Almada valeu à actriz Maria João Luís o Prémio 2006 de interpretação da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

Nasci em 1938. Não completei os estudos académicos, pelo que pode dizer-se que sou autodidacta. Fui desenhador e pintor. Comecei a escrever peças de teatro depois dos cinquenta anos. Se posso exprimir aqui uma reflexão sobre tudo o que escrevi nestes anos, acho que os meus textos vivem no espaço que existe entre a empolada construção daquela vã hipótese que, para o Humanismo, é o Ser Humano (nas suas várias declinações: religiosas, políticas, politico-literárias, científicas), e a nossa mesquinha realidade. O meu teatro é, assim, um teatro do “refugo”. Considerando “refugo” aquilo que já não pode ser utilizado nem desfrutado, e é também

rejeitado. Ou a diferença entre o que somos e aquilo que julgamos ser.

Antonio Tarantino

Intérprete **Maria João Luís**
Tradução **Tereza Bento**
Cenografia e figurinos **Rita Lopes Alves**
Luz **Pedro Domingos**

Língua **Português.**
Com interpretação de língua gestual portuguesa na sessão de dia 13 às 17h30.

Duração **1h20**

São Luiz
Teatro Municipal
Lisboa **Sala
Principal**

21h00	Qua	9
21h00	Qui	10
21h00	Sex	11
21h00	Sáb	12
17h30	Dom	13

O LAGO

de ANA MENDES

Encenação de JOÃO MIGUEL RODRIGUES

M12

ARTISTAS UNIDOS
LISBOA | PORTUGAL

Apoio: Instituto Franco-Português

O lago, de Ana Mendes, é a segunda peça estreada pelos Artistas Unidos no âmbito do Festival de Almada, integrada na iniciativa *Isto não é um concurso*.

Numa aldeia com dois lagos. *Um ambiente denso, húmido e movediço. Prostitutas decadentes morrem à volta de um lago. Na quinta, um casal come uvas debaixo do choupo no seu lago. Ele doente, ela doente, doentes os dois. Na cutelaria um cavalo agoniza. Um pássaro de lata atravessa o céu. O casal escava uma relação que parece não ter fim. Quanto mais escava, maior o buraco.*

Artistas Unidos

Ana Mendes nasceu em Tomar e vive em Lisboa. Estudou Comunicação Social, argumento e dramaturgia. O seu primeiro livro surgiu em 2001 (*Adeus, até breve*, edições Ulmeiro, Lisboa), no ano seguinte publicou uma peça de teatro, em Paris (*Le bocal portugais*, éditions Gare au Théâtre) e ainda vários contos no Brasil e na Suíça. Em 2008 publicará *Uma mesa são tábuas* (edições Imprensa Canalha, Lisboa). Escreveu o argumento do filme de cinema de animação *Desassossego*, de Lorenzo degl'Innocenti, e de imagem real *A carta* (prémio melhor argumento Corta! Festival de Curtas Metragens do Porto, 2006).

Intérpretes

**António Filipe
Custódia Gallego**

Cenografia e figurinos

Rita Lopes Alves

Luz

Pedro Domingos

Direcção de produção

António Filipe**Luís Godinho**

Coordenação

Jorge Silva Melo**Andreia Bento**

Língua

Português

Duração

1h00 (Previsão)Instituto
Franco-Português

Lisboa

Auditório

21h30 Qua 9

21h30 Qui 10

19h00 Sex 11

19h00 Sáb 12

TEATRO

UN CONTE MINEUR | UM CONTO MINOR*

de JOHN DENNIS

Encenação de SIDONIE HAN e LAURINE SCHOTT

M12

COMPAGNIE CHAT!FOIN
PARIS | FRANÇA

* De *menor e mineiro*.

No seio da família de John Dennis, a profissão de mineiro passa de pai para filho. John relata os primeiros passos na vida da mina e a sua primeira confrontação com os patrões. O Engenheiro-chefe decide, nas vésperas da sua aposentação, mandar construir um veleiro à custa da fábrica e da mão-de-obra dos seus operários durante os fins-de-semana. John e os seus amigos aceitam o emprego para arredondar o seu fim de mês, mas a autoridade desmedida do chefe irá criar uma situação conflituosa. John, Mick e Alan irão queimar o barco.

A Companhia Chat!foin nasceu em Setembro de 2005, fruto do encontro de Sidonie Han com Laurine Schott, cenógrafa e artista plástica. O desejo comum de confrontar o teatro com as artes plásticas deu origem ao primeiro projecto: *Um conto minor*. O objectivo da companhia é conjugar a estética com a poesia e as relações interpessoais, bem como explorar a interacção da matéria com o espaço e a escrita para a construção do espectáculo. Para além desta busca formal e estética, o grupo também ambiciona criar um teatro itinerante cujas criações se possam adaptar a qualquer tipo de espaço, convencional ou não. *Um conto minor* venceu o prémio Paris Jeune Talent 2007.

Intérprete **Cédric Chayrousse**
Cenografia
e concepção
das marionetas **Sidonie Han**

Luz **Laurine Schott**
Direcção de actores **Sylvain Séchet**
Neus Vila

Língua **Francês.**
Duração **Legendado em português**
1h00

Teatro Municipal **Sala**
de Almada - Almada **de Ensaios**

19h00	Sex	11
16h00	Sáb	12

FEMININE

A partir de FERNANDO PESSOA
Coreografia de PAULO RIBEIRO

M12

COMPANHIA PAULO RIBEIRO

Co-produção: Culturgest e IGAEM – Centro Coreográfico Galego

VISEU | PORTUGAL

Co-apresentação: Culturgest / Festival de Almada

Feminine explora o imaginário pessoano, desta vez a partir do olhar de cinco mulheres: quatro intérpretes de dança e uma atriz. Depois de *Masculine*, que estreou no ano passado, Paulo Ribeiro descobre um Pessoa no feminino, explorando mais uma vez as diferentes qualidades das intérpretes. A bola de futebol deu lugar aos saltos altos e a energia masculina ao belo estético, que emociona, que marca e não passa.

Paulo Ribeiro estreou-se como coreógrafo em 1984, em Paris, na companhia Stridanse. Em 1988 colabora com a Companhia de Dança de Lisboa e com o Ballet Gulbenkian. A partir de 1991 a sua carreira expande-se no plano internacional, com a criação de obras para a Neederlands Dans Theater II, o Grand Théâtre de Genève, e o Centre Chorégraphique de Nevers. Em 1994 recebe o Prémio Acarte/Maria Madalena de Azeredo Perdigão pela obra *Dançar Cabo Verde*. Em 1995 funda a Companhia Paulo Ribeiro, para a qual tem vindo regularmente a criar várias coreografias. Paulo Ribeiro tem recebido vários prémios relevantes: Prix d'Auteur, nos V Rencontres Chorégraphiques Internationales de Seine Saint-Denis, (França); New Coreography Award, atribuído pelo Bonnie Bird

Fund-Laban Centre (Grã-Bretanha), Prix d'Interpretation Collective, atribuído pela ADAMI (França); e o Prémio Bordalo da Casa da Imprensa (2001).

Intérpretes

Elisabeth Lambeck
Erika Guastamacchia
Leonor Keil
Margarida Gonçalves
São Castro

Tradução e consultoria

Richard Zenith

Música

Nuno Rebelo

Figurinos

Ana Luena

Iluminação

Nuno Meira

Vídeo

Paulo Américo

Assistente

Peter Michael Dietz

do coreógrafo

Companhia

Agradecimento

Clara Andermatt

Língua

Português, Inglês e Italiano.**Legendado em português**

Duração

1h00

Culturgest - Lisboa

Grande Auditório**21h30 Sex 11**

GULLIVER

de JAIME LORCA, segundo JONATHAN SWIFT
Encenação de JAIME LORCA

M12

COMPANHIA JAIME LORCA
SANTIAGO DO CHILE | CHILE

Pela segunda vez na história do Festival de Almada, o trabalho de Jaime Lorca e seus colaboradores é eleito como Espectáculo de Honra. A primeira vez foi em 1996, com *Viagem ao centro da Terra*, ainda com a companhia La Troppa. Este ano o criador chileno regressa a Almada com *Gulliver*, a partir da obra homónima de Jonathan Swift, que, no ano passado, maravilhou os espectadores do Festival, tal como já havia sucedido em 1997 com *Pinóquio*, de Carlo Collodi, e em 1999 com *Gêmeos*, de Agota Kristof.

Gulliver, instalado sem o saber num aparelho repressivo, implacável e perfeito, atravessa as diferentes etapas que se apresentam sob o seu nariz, ignorando a sua posição de prisioneiro. Avança e recua, sobe e desce, arrastando os seus grilhões à procura da porta que se abra para o seu próprio mundo bem amado. O nosso objectivo mais precioso é o de apresentar a viagem de Gulliver nos corredores da sua alma doente, como um espelho fiel e final da sua vida; uma narrativa simultaneamente descarnada e terna sobre a nossa sociedade, tal como a foi o texto de Swift na sua época.

Jaime Lorca

Intérpretes	Teresita Iacobelli Jaime Lorca
Marionetistas	Enrique Gómez Alicia Quesnel
Texto	Pablo Jerez
Genografia	David Coydan Carlos Rivera
Figurinos	Maya Mora Juana Cid
Luz	Tito Velásquez
Música	Daniel Tijero
Som	Robert Díaz
Marionetas	Zapallo de Troya (Rivera-Coydán- Gómez-Fernández) Matías González
Ass. de encenação	Teresita Iacobelli
Língua	Espanhol
Duração	1h20
Escola D. António da Costa - Almada	Palco Grande

22h00 Sex 11

LUÍS MADUREIRA CANTA BARBARA

LUÍS MADUREIRA E JEFF COHEN

M12

LUÍS MADUREIRA E JEFF COHEN
LISBOA | PORTUGAL

Co-produção: São Luiz Teatro Municipal / Festival de Almada

Barbara soube recriar o universo tradicional da canção francesa de uma forma original e inconfundível. O seu grande talento caracterizou-se por uma qualidade muito particular na articulação de letra e música, a que somou um tipo de interpretação único no panorama da canção do séc. XX. É uma parte do seu vasto repertório que Luís Madureira e Jeff Cohen se propõem recriar num espectáculo a apresentar em estreia absoluta.

Luís Madureira, tenor, é diplomado com o Curso Superior de Canto do Conservatório Nacional de Lisboa, estudou em Londres com o Professor Peter Harrison, e é licenciado em Música/Variante Canto, pela ESML, onde é professor de Canto. Divide a sua actividade entre o ensino, o canto, o teatro e o cinema, e o seu repertório abrange a música antiga, barroca, *lied* e *mélodie*, bem como um grande número de compositores do século XX e XXI.

Nascido nos EUA, Jeff Cohen obteve os diplomas de piano e música de câmara no Conservatoire de Musique de Paris. Actualmente é professor no Conservatório de Paris e consultor na Biblioteca Nacional de França para uma série de concertos de *mélodie*. Dirigiu a or-

questra da *Ópera dos três vinténs* na encenação de Giorgio Strehler e foi assistente do Maestro Myung-Whun Chung em *Otello*, na Ópera Bastille. Colaborou com Patrice Chéreau em *Hamlet* e *Lucio Silla*, com Peter Brook na produção de *Impressions de Pélleas*, e com Roman Polanski em *Masterclass*.

Intérpretes **Luís Madureira (voz)**
Jeff Cohen (piano)

Língua **Francês**
Duração **00h50 (Previsão)**

São Luiz
Teatro Municipal **Jardim**
Lisboa **de Inverno**

23h30 Sex 11

23h30 Sáb 12

TEATRO

PEER GYNT

de HENRIK IBSEN

Encenação de PETER ZADEK

M12

BERLINER ENSEMBLE
BERLIM | ALEMANHA

Apoio: Grupo Esphera

Ibsen escreveu *Peer Gynt* em 1876 e nunca pretendeu que o seu poema fosse encenado. O autor encarava o seu texto como uma fantasia poética para ser lida. No entanto *Peer Gynt* depressa passou a ser considerada uma obra-prima da literatura escandinava, e em 1876 o próprio Ibsen adaptou o seu poema para o palco. Uma das razões para a popularidade desta peça devia-se ao facto de o autor se basear nalguns contos fantásticos noruegueses, nomeadamente de Peter Asbjornsen. Mas Ibsen estava também a utilizar algumas das novas ideias populares, nomeadamente as novas tendências de regresso à Natureza e à simplicidade.

Enquanto texto dramático, *Peer Gynt* consiste quase inteiramente numa forma de veicular as aventuras de Peer, uma personagem que foge aos compromissos e que é completamente egoísta, sendo pouco sensível aos sacrifícios que os outros são obrigados a fazer para se moldar a si. O uso que Ibsen faz da sátira e do seu protagonista completamente voltado sobre si mesmo sugere implicações sociais com a sociedade da sua época, que o autor nunca deixou de questionar.

Peter Zadek, cujas várias encenações de obras de Shakespeare e Ibsen fariam prever as condições ideais para dirigir este texto, resolveu aventurar-se pela primeira vez com o “monstro” *Peer Gynt*, e a estreia foi em Abril de 2004 no Berliner Ensemble.

A apresentação do espectáculo no Festival de Edimburgo desse ano recebeu os louvores da imprensa: “Uma excelente produção” (*The Guardian*); “Uma encenação espantosa” (*The Herald*); “Profunda, ligeira, sagaz” (*The Times*).

Peer Gynt, filho único da pobre viúva Aase, era conhecido na sua aldeia como um contador de histórias. A lenda diz que costumava caçar veados nos cumes mais perigosos da montanha, juntamente com demónios, Trolls, e outras figuras mágicas que conhecia das histórias que contava — e que um dia anunciou que seria famoso. Rapta uma noiva rica de um casamento da aldeia, viola-a, abandona-a, e acaba por ser expulso para a floresta. Só a sua mãe e a jovem Solveig, que está apaixonada por ele, se lhe mantêm fiéis. Após a morte da mãe Peer abandona o país, acabando por se tornar rico e famoso graças aos negócios que desenvolve nos EUA. Numa zona litoral do Norte de África debate-se com ladrões, macacos e doentes psiquiátricos, finge ser profeta, sonha com um projecto de irrigação do deserto e resolve sem a ajuda de ninguém o enigma da Esfinge...

Peter Zadek nasceu em 1926 em Berlim e em 1933 emigrou com os pais para Londres, onde estudou na Old-Vic-School. A sua primeira encenação foi *Salomé*, de Wilde. Em 1957 estreou *O balcão*, de Genet, e em 1958 fez a sua primeira encenação na Alemanha: *Capitão Bada*, de Jean Vauthier. Entre 1962 e 1968 dirigiu o Theater Bremen. Entre 1972 e 1975 foi intendente do teatro Schauspielhaus Bochum. Em 1983 encenou a sua primeira ópera: *As bodas de Fígaro*, de Mozart. Entre 1985 e 1989 foi director do Deutsches Schauspielhaus Hamburg, e a partir de 1992 foi co-director durante dois anos do Berliner Ensemble. Em 1999 encenou *Hamlet* nos festivais Festwochen de Viena, com Angela Winkler no papel principal. Zadek, um dos mais importantes e influentes encenadores do teatro de língua alemã, foi condecorado com o Kortner-Preis (1988), o Piscator-Preis (1989) e a Kainz-Medaille (1989).

Foi-lhe atribuído o Prémio Europa de Teatro em 2007.

Henrik Ibsen (1828-1906) é considerado um dos principais nomes da dramaturgia mundial, tendo vivido a maior parte da sua vida entre a Itália e a Alemanha. *Peer Gynt* e *Brand*, em verso, foram as peças que o consagraram. Em 1877 escreve, em prosa, cinco peças que abordam os temas da

sociedade moderna, e que constituem um legado fundamental para a dramaturgia moderna: *Os pilares da sociedade*, *Casa de bonecas*, *Fantasma*, *Um inimigo do povo* e *O pato selvagem*.

Intérpretes **Uwe Bohm**
Benjamin Çabuk
Gerd David
Peter Donath
Ninon Held
Ruth Glöss
Ursula Höpfner-Tabori
Deborah Kaufmann
Alice Kornitzer
Ann-Marie von Löw
Annett Renneberg
Steffen Roll
Dorothea Gebhardt
Judith Strößenreuter
Marko Schmidt
Veit Schubert
Oliver Urbanski
Axel Werner
Angela Winkler
Ronald Zehrfeld
Karl Kneidl
Reinhild Hoffmann
Georg Klein
Bärbel Jaksch

Cenário e figurinos
 Coreografia
 Música
 Dramaturgia

Língua **Alemão.**
 Legendado em português
 Duração **3h00 (com intervalo)**

Teatro Municipal **Sala**
 de Almada - Almada **Principal**

21h30 **Sáb 12**
 16h00 **Dom 13**

EN LA LENGUA FLOJA | NUMA LÍNGUA FRACA

Baseado em textos originais, contos tradicionais,
de GRASSA TORO e JÜRGE SCGUBIGER
Encenação de BLANCA RESANO

M12

PAI
SARAGOÇA | ESPANHA

Jogo, circo, palavras, luzes, uma encenadora, cinco cães, dois acordeões, várias bolas, algumas bugigangas e dois actores compõem *Numa língua fraca*. Este é o primeiro espectáculo de sala da PAI e o primeiro dirigido a um público adulto. *Numa língua fraca* mantém o mesmo espírito lúdico e participativo dos anteriores espectáculos desta companhia espanhola, mas neste caso usando jogos de palavras. No espectáculo recria-se de uma forma muito original a história de um circo ambulante através dos seus dois últimos sobreviventes. Mas o que verdadeiramente se esconde por baixo da aparência de um circo normal são piruetas verbais, malabarismos com as palavras e triplos mortais semânticos.

A PAI surgiu em 1979. *Começou como um colectivo que queria, exigia, que na cidade de Saragoça se realizassem actividades de jogo, expressão corporal, teatro e animação com crianças patrocinadas pela administração pública. Éramos cerca de 50 pessoas. Criámos Centros Infantis com ludoteca, biblioteca e actividades de tempos livres nos bairros da cidade, assim como realizámos espectáculos de teatro de rua. Tornámo-nos profissionais (até então éramos voluntários) e 10 anos depois deixámos o trabalho em centros infantis estáveis e continuámos*

a trabalhar no ramo da animação infantil, realizando espectáculos, criando oficinas de animação, desenhando espaços para crianças, coordenando actividades em tudo aquilo que se relacione com o público infantil, o teatro e a educação.

PAI

Intérpretes **Ignacio Alfayé**
Oswaldo Felipe

Desenho do cenário
e figurinos
Construção do cenário

Amor Pérez
Amor Pérez
César Serrano
Elena Felipe

Execução dos figurinos

Maria José Gorgojo
Célia Tejero

Ilustrações
Cartaz e programa
Música original

Ana Felipe
Inma Grau
Ignacio Alfayé

Língua **Espanhol**
Duração **1h20**

Escola D. António
da Costa - Almada

Palco
Grande

22h00 Dom 13

TEATRO

LA CASA VIEJA | A CASA VELHA

de ABELARDO ESTORINO

Encenação de JULIO CÉSAR RAMÍREZ

M12

TEATRO D'DOS
HAVANA | CUBA

Com o patrocínio da Embaixada de Cuba em Portugal

Somos filhos dos anos sessenta.

Nascemos naquela década prodigiosa (a mais bela do século, segundo alguns), em que parecia que o Mundo poderia mudar. É precisamente no seio desse tenso ambiente social que nasce A casa velha. Uma pequena aldeia da província, uns irmãos perante a morte iminente do pai, uma rapariga a quem é negada uma bolsa de estudo, uma voragem de transformação que arrasta os comprometidos, os cépticos e os indiferentes... As personagens que neste contexto debatem os conflitos do seu tempo e o seu futuro poderiam ser os nossos pais. Aos trinta (40) anos de vida, nós, os seus filhos, queremos voltar a debruçar-nos sobre aqueles acontecimentos chave. E sobre o seu legado.

Omar Valiño

Fundado em 1990 em Sancti Spiritus pelo dramaturgo e encenador Julio César Ramírez, o Teatro D'Dos radica-se em Havana a partir de 1997, na sala do Museo de Arte Colonial. Actualmente este grupo é reconhecido como uma das principais companhias de teatro cubanas, tendo já estreado mais de trinta espectáculos. A companhia tem recebido diversos prémios em Cuba e no estrangeiro, tendo-se já apresenta-

do no México, Argentina, El Salvador, Brasil, Portugal e Espanha. No seu repertório, para além dos autores cubanos, incluem-se textos de dramaturgos como Lorca, Tchecov, Molière, Aristides Vargas, Pirandello, José Sanchis Sinisterra e José Saramago.

Intérpretes **Deisy Sanchez (Laura)**
Jorge Fernández (Diego)
Julio César Ramírez (Esteban)

Cenário e luzes **Julio César Ramírez**
Figurinos **Deisy Sanchez**

Assistência
de encenação **Omar Valiño**

Língua **Espanhol**
Duração **1h05**

Fórum Romeu Correia - Almada
Auditório Fernando Lopes Graça

21h30 Seg 14

19h00 Ter 15

Casa da América Latina - Lisboa

21h30 Qui 17

MISTERIO DEL CRISTO DE LOS GASCONES

MISTÉRIO DO CRISTO DOS GASCÕES

Dramaturgia e encenação de ANA ZAMORA

M12

NAO D'AMORES
MADRID | ESPANHA

Co-apresentação: Festival de Almada / Teatro do Bairro Alto (Cornucópia)
Com o apoio da Embaixada de Espanha em Portugal

Nao d'Amores, a companhia fundada por Ana Zamora em 2001, tem já uma larga experiência no repertório dramático renascentista, tendo apresentado no XXII Festival de Almada *Auto de los quatro tiempos*, de Gil Vicente. Nesta edição a companhia madrileña realiza uma imersão no apaixonante mundo do teatro primitivo, a partir de uma visão absolutamente contemporânea. Trata-se da recreação da cerimónia litúrgica que devia representar-se na Igreja de San Justo, em Segóvia, para a qual foi criado o *Cristo de los Gascones*, uma das mais significativas peças do Património Artístico segoviano. Através de uma dramaturgia realizada a partir de textos históricos de procedência diversa, e a investigação e interpretação ao vivo de peças musicais, vinculadas a este tipo de cerimónia, o espectáculo combina o trabalho do actor com o teatro de títeres, aproximando-nos das origens do teatro moderno.

Ana Zamora, formada pela Real Escuela Superior de Arte Dramático (1996-2000), é já um dos principais nomes do teatro espanhol. Especializada no teatro clássico, no teatro de títeres e na música antiga, Zamora tem realizado um intenso trabalho de investigação em torno do teatro renascentista. Tem colaborado nas equipas artísticas de dois dos mais prestigiados teatros de Espanha: o Teatro de la

Abadía e a Compañía Nacional de Teatro Clásico. *Mistério do Cristo dos Gascões* foi considerado o “*melhor e mais interessante espectáculo do ano*” segundo os críticos de teatro do *El mundo* e valeu-lhe o elogio unânime da imprensa espanhola e uma nomeação para o Prémio Valle-Inclán 2008.

Interpretação
e manipulação

Elvira Cuadrupani
David Faraco
Alejandro Sigüenza
Nati Vera

Interpretação musical

Alicia Lázaro
Elvira Pancorbo
Isabel Zamora
Sofia Alegre

Música original

Trabalho de títeres

Realização do Cristo

Cenografia

Figurinos

Iluminação

David Faraco
Miguel Ángel Coso
Richard Cenier
Deborah Macias
Miguel Ángel Camacho
(A. A. I.)

Coreografia

Versificação

Assist. de encenação

Coordenação técnica

Realização do vestuário

Lieven Baert
Ernesto Arias
Elena Rayos
Amália Portes
Ángeles Marín
Nuria Martínez
Ivan Caso
Miguel Ángel Coso
Esther Candela

Fotografia

Língua
Duração

Espanhol
1h00

Teatro do Bairro Alto /
/ Cornucópia

Lisboa

21h30	Ter	15
21h30	Qua	16
21h30	Qui	17

A ÚLTIMA HISTÓRIA DE WERTHER

de INÊS LEITÃO

Encenação de JOÃO MEIRELES

M16

ARTISTAS UNIDOS
LISBOA | PORTUGAL

Apoio: Instituto Franco-Português

Werther foge do mundo da morte para vir contar a espectadores três séculos mais evoluídos — mais esclarecidos, mas não menos preconceituosos — uma história de amor proibido entre Marie e Alberto: uma mãe e um filho que se envolvem. Werther defende o casal de perseguições sociais e mostra-nos a possibilidade da felicidade. Ser si e ser o outro, ser carne da mesma carne que se ama dentro dum corpo que é o mesmo. O incesto hoje. Perdoar por ser Amor.

Inês Leitão

Inês Leitão nasceu em Lisboa em 1981. Teve a sua primeira publicação na revista *Quase*, em 2001. Seguiram-se colaborações em *Os Fazedores de Letras* durante o ano de 2003. O seu primeiro livro, *Quarto escuro* (Livro do dia Editores, 2007), é uma colecção de micro-narrativas que falam de pessoas, de sentimentos e de apegos. Mantém-se inédita a sua *Trilogia da obsessão da dor e do amor*, três peças de teatro que falam do sentido do amor no século XXI: *Quem tramou António Lobo Antunes?*, *A última história de Werther* e *Amor em estado morto*. Foi a mais jovem participante do Correntes d'Escrita 2007. *A última história*

de Werther é a terceira peça apresentada pelos Artistas Unidos nesta edição do Festival, no âmbito da iniciativa *Isto não é um concurso*.

Intérpretes **João Delgado**
Luís Godinho
Rosa Villa

Cenografia e figurinos **Sofia Correia**
Rita Lopes Alves
Luz **Pedro Domingos**

Direcção de produção **António Filipe**
Luís Godinho
Coordenação **Jorge Silva Melo**
Andreia Bento

Língua **Português**
Duração **1h00 (Previsão)**

Instituto
Franco-Português
Lisboa **Auditério**

21h30	Ter	15
21h30	Qua	16
19h00	Qui	17
19h00	Sex	18

TEATRO

ON THE ROAD

de CARLOS J. PESSOA

Encenação de ANA PALMA

M12

TEATRO DA GARAGEM
LISBOA | PORTUGAL

Maria, mulher de meia-idade, parte de Sagres na sua autocaravana, fugindo de um Algarve, em Agosto. O parque de campismo de Serpa é o seu magro destino, como se aos navegadores de Quinhentos pouco mais restasse do que uma viagem à roda do umbigo. Carlos J. Pessoa, director do Teatro da Garagem, volta a pensar o Portugal de hoje, pintando desta vez um impressionante retrato de mulher. Ana Palma confiou apenas a Maria João Vicente o desempenho desta manta de retalhos de personagens, minudências e lembranças, tão vívidas e inesperadas como o eterno retorno de Maria à casinha-prisão-útero que a gerou e onde se regenera.

Ana Palma (Lisboa, 1976). Integra o Teatro da Garagem desde 2001, e é nessa companhia que tem desenvolvido o seu trabalho, como actriz. Licenciada em Teatro no Ramo Actores pela Escola Superior de Teatro e Cinema (Lisboa), assina aqui a sua primeira encenação.

Maria João Vicente (Porto, 1969). Depois do sucesso que obteve com *Adélia Z*, em 2003, a actriz propõe-nos outro monólogo surpreendente. Tendo-se estreado em 1988, no Teatro Universitário do Porto, é, desde 1993,

presença regular nas produções do Teatro da Garagem, onde também dirige a produção. Foi coordenadora do DRAMAT / Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional S. João, leccionando actualmente na Escola Superior de Teatro e Cinema (Lisboa).

Carlos J. Pessoa (Lisboa 1966) cursou formação de actores na E. S. T. C., onde se licenciou em Teatro e Educação e é professor e director do Departamento de Teatro. Co-fundador do Teatro da Garagem, em 1989, escreveu e encenou a quase totalidade das peças que esta companhia tem apresentado desde então.

Intérprete **Maria João Vicente**
Música (composição e interpretação) **Daniel Cervantes**
Cenografia e figurinos **Sérgio Loureiro**
Iluminação **Miguel Cruz**
Produção executiva **Iria Menut**
Raquel Paz
Fotografia **Marisa Cardoso**

Língua **Português**
Duração **1h00**
Escola D. António da Costa - Almada **Palco Grande**

22h00 Ter 15

CANÇÕES DE BRECHT

de KURT WEILL, HANS EISLER, PAUL DESSAU, KURT SCHWAEN,
FRANZ BRUINIER, THEODOR ADORNO E BERTOLT BRECHT

M12

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
ALMADA | PORTUGAL

Conheci Brecht pela mão de José Ribeiro da Fonte, figura maior da cultura portuguesa das últimas décadas do século passado, ao ser convidado a interpretar Macheath numa versão de concerto em língua original de Die Dreigroschenoper, apresentada na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa sob a direcção de João Paulo Santos. Constança Capdeville, figura incontornável da música portuguesa do séc. XX, de quem tive a sorte de ser aluno de composição no Conservatório Nacional, fez-me conhecer em pormenor a música de Weill e, enquanto se discutia academicamente se um homem deveria cantar canções ditas de mulher, eu trauteava Surabaya Johnny num espectáculo apresentado no Salão Nobre do Teatro São Carlos pelo ColecViva, grupo de teatro musical fundado pela compositora, em que homenageámos as muitas vozes de Cathy Berberian.

Com o Nuno Vieira de Almeida, dessa vez na Culturgest, explorei, a par de canções célebres de teatro, o Brecht menos conhecido de Die Hollywood-delegien, com música de Eisler.

Joaquim Benite, na sequência de espectáculos que criei com Fernanda Alves e Jeff Cohen, fez-me o convite para voltar a Brecht, desta vez com Teresa Gafeira, actriz/cantora de irresistí-

vel talento, mais uma vez em parceria com Jeff Cohen, músico com quem partilhei algumas das mais estimulantes experiências musicais que tenho desenvolvido nos últimos anos. Cantar e ouvir as palavras de Brecht “transpostas” por Yvette Centeno para a nossa língua, tem sido um prazer tão grande como cantá-las e ouvi-las na língua original. Só me resta pensar que a actualidade da palavra de Brecht não vai passar despercebida.

Luís Madureira, Junho de 2008

Intérpretes	Jeff Cohen (piano) Luís Madureira (voz) Teresa Gafeira (voz)
Versões livres para português	Yvette Centeno
Língua	Português
Duração	1h00 (Previsão)
Teatro Municipal de Almada - Almada	Sala Experimental

19h00	Qua 16
19h00	Qui 17

LE CID | o CID

de PIERRE CORNEILLE

Encenação de ALAIN OLLIVIER

M12

COMPAGNIE ALAIN OLLIVIER

Co-produção: Théâtre Gérard Philipe de Saint-Denis – Centre dramatique national, Les Nuits de Fourvière, La Filature – Scène nationale de Mulhouse, Maison de la Culture d'Amiens.

PARIS | FRANÇA

Co-apresentação: Teatro Nacional D. Maria II / CulturesFrance / Instituto Franco-Português / Festival de Almada

Corneille inspirou-se para escrever *Le Cid* durante os anos em que a França empurra para o norte os exércitos espanhóis, sempre ameaçadores, e também durante a época em que a família real enfrenta internamente grandes perigos que acabarão, com a Fronda, por pôr em causa a sua própria existência. A nobreza não vislumbra que o futuro da França passa por um exercício de responsabilidade política que nada deve aos valores feudais e que a evolução sociológica e económica em curso conduz à afirmação de uma concepção de Estado que fará prevalecer os deveres para com o soberano e a nação nascente sobre o individualismo aristocrático.

Alain Ollivier

Alain Ollivier, actor e encenador, dirigiu o Théâtre Gerard Philipe de Saint Denis – Centre dramatique national, de Janeiro de 2002 a Dezembro de 2007, depois de, nos dezanove anos anteriores, ter dirigido o Studio-Théâtre de Vitry. Nestas duas companhias criou espectáculos sobre textos de Jean Genet, Paul Claudel, Bertolt Brecht, Maurice Maeterlink, nomeadamente. Encenou *O marinheiro* de Fernando Pessoa, primeiro em francês e com actrizes francesas (espectáculo apresentado no Teatro Municipal de Almada em 2006), e depois, já em 2008, no original português, com actrizes por-

tuguesas, com a Companhia de Teatro de Almada. Em 2002 publicou a obra *Pi-étiner la scène* nas Éditions Verticales.

O actor Thibaut Corrien (Rodrigo) recebeu o Prémio Revelação 2008 do Sindicato da Crítica francesa pela sua interpretação.

Intérpretes **John Arnold**
Irina Solano
Bruno Sermonne
Philippe Girard
Thibaut Corrien
Mathieu Marie
Fabrice Farchi
Pierre-Henri Puente
Claire Sermonne
Myriam Tadessé
Julia Vidad
Malik Rumeau
Daniel Jeanneteau
Cenografia **Marie-Christine Soma**
Luz **Florence Sadaune**
Figurinos **Catherine Saint-Sever**
Maquilhagem e cabelos **François Rostain**
Cosultoria técnica **Anne Vaglio**
Ass. de iluminação **Mathieu Dupuy**
Ass. de cenografia **Malik Rumeau**
Ass. de encenação

Língua **Francês.**
Legendado
em português a partir
da tradução de Manoel
de Figueiredo, de 1804.
Duração **2h15**

Teatro Nacional **Sala**
D. Maria II - Lisboa **Garrett**

21h30 Qua 16
21h30 Qui 17

LA BUSTA | O ENVELOPE

de SPIRO SCIMONE

Encenação de FRANCESCO SFRAMELI

M12

COMPAGNIA SCIMONE SFRAMELI
ROMA | ITÁLIA

Um Senhor recebe uma carta sem motivo. Para conhecer o motivo pelo qual a recebeu desloca-se a um lugar. Nesse lugar encontra o Secretário, o Cozinheiro e X. O ambiente naquele lugar é estranho. Os diálogos são curtos, desconcertantes e criam frequentemente efeitos cómicos. Alguém ri, naquele lugar. Mas um Senhor não está naquele lugar para rir. Um Senhor quer saber por que recebeu o envelope. Quer conhecer o motivo. Mas tem de esperar para conhecer o motivo. La busta é um texto teatral que fala dos abusos, da discriminação, e da violência. Entre as personagens descritas não estão apenas as vítimas desta violência, mas também os seus executores.

Spiro Scimone

Em 1990 Spiro Scimone e Francesco Sframeli estrearam-se juntos em *Emigranti* e fundaram a Compagnia Scimone Sframeli. Em 1993 Scimone escreveu a sua primeira peça, *Nunzio*, falada no dialecto da sua cidade natal: Messina. A partir desta altura os dois actores passaram a trabalhar com Carlo Cecchi, uma das figuras mais importantes do teatro italiano. Cecchi encenou *Nunzio* e obteve de imediato sucesso junto da crítica e do público. Dois anos mais tarde Scimone escreveu *Bar*, que lhe vale o Prémio Ubu para

melhor jovem dramaturgo, e a Sframeli o de melhor jovem actor. *La festa*, escrita em 1999, foi apresentada no Festival de Almada em 2002. *O envelope* é, segundo Gianfranco Capitta, “um espectáculo destinado ao sucesso, do qual se ouvirá falar ainda por muito tempo” (in *Il manifesto*).

Intérpretes	Francesco Sframeli Spiro Scimone Nicola Rignanese Salvatore Arena Barbara Bessi
Cenário e figurinos Tradução para a legendagem	Ana Bigotte Vieira Clelia Bettini
Língua	Italiano. Legendado em português
Duração	1h10
Escola D. António da Costa - Almada	Palco Grande

22h00 Sex 18

An abstract graphic design featuring a white background with large, bold geometric shapes. A thick blue vertical bar is on the left. A large orange semi-circle is positioned in the center. To the right, there are several orange shapes, including a large triangle and a smaller trapezoid. The overall composition is dynamic and modern.

ACTOS COMPLEMENTARES

EXPOSIÇÕES

FOTOGRAFIA

CHE! MITO E REVOLUÇÃO

Organização: Câmara Municipal de Almada

Integrada no programa de exposições do Festival de Almada

Co-produção: Californian Museum of Photography e 212 BERLIN

Curadora: TRISHA ZIFF

Para assinalar a sua 25ª edição o Festival de Almada acolhe a exposição *Che! Mito e Revolução*, já apresentada em cidades como Nova Iorque, Londres, Amesterdão, Milão, e Barcelona. *Che! Mito e Revolução* foi criada em torno da célebre fotografia *Guerrillero Heroico*, da autoria de Alberto Korda, e que é a imagem de Ernesto “Che” Guevara mais conhecida e reproduzida em todo o Mundo. Ao longo dos anos este retrato manteve-se um símbolo de revolução e de rebelião juvenil, apesar da sua reprodução massiva em *posters*, *t-shirts* e objectos *kitsch* (desde o cartaz promocional do álbum *American life*, de Madonna, até à *Nota de cinco dólares*, de Pedro Meyer, em que a imagem de Che substituiu o rosto de Abraham Lincoln).

A exposição *Che! Mito e Revolução* reúne trabalhos de artistas como Vik Muniz (EUA/Brasil), Rubén Ortiz Torres (México), Martin Parr (Inglaterra) e Marcos Lopez (Argentina), bem como um conjunto de magníficos *posters* originais cedidos pelo *Center for the Study of Political Graphics* de Los Angeles, e artefactos em que se incluem insígnias e objectos evocativos da memória de Che. Estas imagens mostram a evolução da fotografia de Korda desde a criação original até à sua utilização contemporânea.

O retrato de Ernesto “Che” Guevara, *Guerrillero Heroico*, foi tirado a 5 de Março de 1960 por Alberto Díaz Gutiérrez (1928-2001), também conhecido como Alberto Korda, enquanto fotografava para o jornal cubano *Revolución*. Korda, antigo fotógrafo de moda e publicidade, tornou-se, após a Revolução Cubana, fotógrafo pessoal de Fidel Castro. No momento eternizado por esta fotografia Che Guevara encontrava-se numa tribuna ao lado de várias autoridades cuba-

EXPOSIÇÕES

nas, enquanto participava num memorial às 136 vítimas da explosão de La Coubre, um atentado contra-revolucionário terrorista. O que inspirou o fotógrafo foi a intensidade da expressão de Che, que descreve como “*encabronado y dolente*”. Na imagem original, Che está entre um homem e as folhas de uma palmeira. Contudo, durante o processo de impressão da fotografia, Korda isolou Che, surgindo desta forma a imagem ícone do seu expressivo e intenso rosto.

De 28 de Junho a 7 de Setembro

De Quarta a Sábado das 10h00 às 24h00,
Terças e Domingos das 10h00 às 18h00.

Fórum Municipal Romeu Correia (Almada)

ARTES PLÁSTICAS

JOÃO VIEIRA

NÃO-PINTURA

Em colaboração com: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea

João Vieira começou a trabalhar no final dos anos 50 e desde então não tem parado de nos surpreender. Haverá os que o definam, genericamente, como “pintor de letras”. Mas dizer isso é afirmar pouco, apenas uma parte — porventura a mais dermatológica ou aparente, ou até por vezes ilusória — do seu trabalho. (...) Para lá da aparência, como poderemos então orientar-nos no labirinto criativo deste artista?

Aparentemente difusa, na sua pluralidade de experiências, de media e referentes formais (plásticos e outros), dividindo-se pela pintura, desenho, grafismo, cenografia, performance, criação de objectos, a obra de João Vieira é afinal congregadora. Assim podemos testemunhar, em poucas peças, nesta exposição na Casa da Cerca, significativamente intitulada Não-Pintura, desde logo assumindo um campo de acção outro. Mas, dentro destes outros campos

EXPOSIÇÕES

criativos, que relação existe? Que relação entre as letras gregas (2000-2008) que surgem na cisterna, as mãos (1973-2008) e caretos (2007) da Galeria do Pátio, e Incorpóreo III (1972-2000) que aqui convive na capela com outras cenografias? O desenho. Ou antes, a noção de cenografia como face do Mundo.

Emília Ferreira

De 20 de Junho a 31 de Agosto

De Terça a Sexta das 10h00 às 18h00, e Sábados e Domingos das 13h00 às 18h00 (encerra às Segundas e feriados)

Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea (Almada)

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

HOMENAGEM A JOÃO VIEIRA

O pintor e cenógrafo João Vieira é, este ano, não só o autor do poster do 25º Festival de Almada, mas também a personalidade escolhida para a tradicional homenagem que o Festival faz em cada edição a nomes destacados do teatro português. É a primeira vez que a autoria do cartaz oficial e a distinção de Figura Homenageada coincidem na mesma pessoa.

João Vieira, nome prestigiado das artes plásticas portuguesas, teve um largo e intenso papel nas transformações ocorridas no teatro em Portugal. Sobretudo a partir dos anos 70 a sua colaboração com várias companhias de teatro (entre as quais o Grupo de Campolide, em cujo desenvolvimento teve um papel fulcral) foi determinante para a renovação estética e para a criação de novas linguagens cenográficas. Ligado ao chamado “teatro independente”, o seu labor artístico influenciou vários dos colectivos que vieram a afirmar-se no panorama teatral do nosso País. Homem de teatro e artista plástico, como muitos criadores das décadas de 60 e de 70, João Vieira foi também encenador. É sobre a sua multifacetada e interventiva obra tanto como artista plástico como homem de teatro que o Festival de Almada apresenta na Escola D. An-

EXPOSIÇÕES

tónio da Costa, uma exposição alusiva, comissariada pelo também cenógrafo Fernando Filipe.

No espaço definido entre a referida exposição e o Palco Grande estará também patente um grupo escultórico de João Vieira. A exposição abrange ainda elementos cenográficos e ocupa, além dos espaços já indicados, a sala habitualmente destinada às recepções organizadas a seguir aos espectáculos.

De 4 a 18 de Julho

Das 15h00 às 24h00

Escola D. António da Costa (Almada)

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

25 VEZES FESTIVAL

Muitas companhias de muitos países de praticamente todos os continentes. Actores, encenadores, cenógrafos, figurinistas, técnicos. Peças de autor, clássicos e contemporâneos, nacionais e estrangeiros. Mas também criações colectivas. E espaços para a dança contemporânea. E para a ópera, a música, as artes plásticas, a fotografia, às vezes o cinema. Nas salas convencionais, nos palcos improvisados que, ano após ano, se vão transformando em espaços indispensáveis de quinze dias urgentes de teatro. Sempre em Julho, sempre em Almada mas também em Lisboa.

Os espectáculos de honra, as personalidades homenageadas. O reconhecimento, a homenagem. E o prazer da descoberta. E os espectadores, os amigos. Os debates, os colóquios, o convívio.

Tudo começou em 1984 no Beco dos Taneiros no coração de Almada. O percurso de um festival que, ano após ano, se foi afirmando através da prestação artística de cada actor, de cada grupo, de cada companhia, de cada colectivo.

De 4 a 18 de Julho

Das 15h00 às 24h00

Escola D. António da Costa (Almada)

EXPOSIÇÕES

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

O TEATRO HUMANO DE PETER ZADEK

Fotografias de Gisela Scheidler

Comissária: Jenny Baese

Em colaboração com a Akademie der Künste

A Akademie der Künste (Academia das Artes) de Berlim dedicou no ano passado a Peter Zadek (ver biografia na pág. 27), um dos mais significativos encenadores da actualidade (cuja encenação de *Peer Gynt*, de Ibsen, é apresentada nesta edição do Festival pelo Berliner Ensemble) uma exposição monográfica. Desta abrangente exposição, que ocupava 14 salas, a fotógrafa Gisela Scheidler, colaboradora de longa data do encenador alemão, seleccionou uma série de dezassete fotografias de *Peer Gynt* (das quais três são em grande formato) e uma série de 36 quadros que documentam o processo criativo do espectáculo *Conto de inverno*, de Shakespeare, estreado no Schauspielhaus de Hamburgo em 1978. Esta série de quadros revela a forma como Zadek se inspira em fotografias e gravuras para criar cenários e figurinos, mas também personagens. Fazem também parte desta exposição vários filmes de obras dirigidas por Zadek, bem como um documentário sobre o processo de criação de *Peer Gynt*, produzido para o Berliner Ensemble.

De 4 Julho a 30 de Outubro

Das 14h30 às 22h00

Foyer e Livraria do Teatro Municipal de Almada

ARTES PLÁSTICAS

O MISTÉRIO DO ESPAÇO

MALGORZATA ZAK

Malgorzata Zak é pintora, cenógrafa e pedagoga. Em 1972 licenciou-se em Pintura e Escultura na Faculdade de Belas Artes em Gdansk/Polónia. Após completar os estudos, começou a trabalhar como *designer* de palco no Baltic

EXPOSIÇÕES

Opera, Wybrzeze Theatre, em Gdansk, Musical Theatre, em Gdynia, bem como no Great Opera Theatre, em Varsóvia. Simultaneamente, apresentou os seus trabalhos de pintura em várias exposições colectivas e individuais, e em encontros de pintores internacionais na Polónia, Alemanha e Finlândia.

Foi para Espanha em 1985, com uma bolsa artística que lhe foi concedida pelo Ministro Espanhol dos Serviços Estrangeiros e o Ministro da Cultura e das Artes. A partir de 1986 vive permanentemente em Madrid. Desde que partiu da Polónia tem exibido as suas obras e realizado trabalhos cenográficos em Espanha, Portugal, Alemanha, Polónia e outros países, mantendo também uma permanente colaboração com importantes festivais de teatro na Europa. É professora e responsável pela cadeira de figurinismo da Faculdade de Belas Artes, assumindo também a posição de deão do Departamento de Desenvolvimento e Promoção Artística do Royal Higher Dramatic School/ RESAD/ em Madrid.

De 4 de Julho a 30 de Setembro

Das 14h30 às 20h00 (em dias de espectáculo também entre as 20h30 e as 23h00)

Galeria do Teatro Municipal de Almada

POR QUÊ OS FESTIVAIS DE TEATRO? QUAL O SEU FUTURO?

Organização:

Festival de Almada / Instituto Internacional de Teatro do Mediterrâneo

Pelo 16º ano consecutivo, o Festival de Almada e o Instituto Internacional de Teatro do Mediterrâneo organizam, no âmbito do Festival, um colóquio internacional. Desta vez o tema são os festivais de teatro, a sua história, o seu presente e o seu futuro, contando para isso com os directores de festivais de vários países.

É certo que alguns festivais perderam o Norte, limitando-se a congregar vários espectáculos de êxito. Mas outros persiste a ideia que os associa ao desenvolvimento dos valores humanos, à criação da liberdade, à consciência planetária, à globalização do conhecimento e da solidariedade. É como se cada festival constituísse em si mesmo uma só obra, aberta a muitas vozes e vertebrada pelo mais profundo, antigo e necessário pensamento político. É evidente que o Mundo de hoje já não pode explicar-se com a teoria de ontem. Precisamos de uma nova cultura que, para além disso, aproxime a realidade dos enunciados teóricos do direito democrático. E o teatro pode ajudar-nos.

Qual será o futuro dos festivais? Até onde é que contarão com o apoio da política de mercado? Até que ponto serão condenados por não aceitar a lei da oferta e da procura? Será que o poder necessita de cidadãos lúcidos ou só de votantes? Uma vez mais, o teatro está no fio da navalha, nessa linha, desditosamente débil, que une tantas vezes a política à cultura.

José Monleón

Director do IITM e do Festival Madrid Sur

Participantes: Abdelkader Gonegai (Festival de Casablanca); Francisco Suárez (Festival de Mérida); José Bablé (Festival de Cadiz); José Monleón; Miguel Murillo (Festival de Badajoz), entre outros

Sábado 5 de Julho, às 10h00

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea (Almada)

ENCONTROS DA CERCA

COLÓQUIO INTERNACIONAL

CORPOS EM PALCO E PRÁTICAS CÉNICAS

Organização: Associação Portuguesa de Críticos de Teatro
e Festival de Almada

Após um século durante o qual se sucederam os mais diversos modelos de representação e os mais distintos entendimentos das funções expressivas reservadas ao “intérprete” – paralelamente a audaciosos cruzamentos disciplinares –, gostaríamos de trocar algumas ideias e experiências sobre o modo como as diferentes práticas cénicas contemporâneas vêm explorando as infinitas virtualidades do corpo em palco.

Comissão organizadora: João Carneiro, Maria Helena Seródio e Paulo Eduardo Carvalho

Participantes estrangeiros: Aglika Stefanova (Bulgária); Ian Herbert (Inglaterra); Ivan Medenica (Sérvia); Jean-Pierre Han (França); Manabu Noda (Japão); Mark Brown (Escócia); Miloš Mistrík (Eslováquia); Zeynep Oral (Turquia); José Gabriel Antuñano (Espanha)

Participantes portugueses: Ana Pais; Christine Zurbach; Constança Carvalho Homem; Daniel Tércio; João Carneiro; Maria Helena Seródio; Maria José Fazenda; Paulo Eduardo Carvalho; Rita Martins; Rui Pina Coelho; Sebastiana Fadda

Sábado 12 de Julho às 10h00

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea (Almada)

COLÓQUIOS / DEBATES

ENCONTRO COM O BERLINER ENSEMBLE

Colóquio com os actores do Berliner Ensemble, a propósito do espectáculo *Peer Gynt* com encenação de Peter Zadek.

Domingo 13 de Julho às 19h30

Cafetaria do Teatro Municipal de Almada

COLÓQUIOS NA ESPLANADA

Como habitualmente, na esplanada da Escola D. António da Costa, realizam-se vários debates com criadores e intérpretes de espectáculos apresentados no Festival.

Encontro com **Panaibra Gabriel** director da Companhia CulturArte (Moçambique)
Sábado 5 de Julho às 23h00

Encontro com **Pedro Marques** (*Gengis entre os Pigmeus*) e **Tiago Rodrigues** (*A Festa*)
Quarta-feira 9 de Julho às 19h00

Encontro com **Sidonie Han** e **Laurine Schott** (*Um conto menor*)
Sábado 12 de Julho às 19h00

Encontro com **Oswaldo Felipe** (*En la lengua floja*)
Segunda-feira 14 de Julho às 19h00

Encontro com **Julio César Ramirez** (Teatro d'Dos - Cuba)
Quarta-feira 16 de Julho às 18h00

Encontro com **Jorge Silva Melo, Ana Mendes, Inês Leitão e Luís Mestre**
Quinta-feira 17 de Julho às 16h00

Encontro com **Yvette Centeno, Luís Madureira e Teresa Gafeira**
Sexta-feira 18 de Julho às 19h00

MÚSICA NA ESPLANADA

Os espectáculos do Palco Grande da Escola D. António da Costa são antecidos de concertos musicais de vários géneros, no Palco da Esplanada, com entrada livre. Este ano haverá um acontecimento especial: a companhia moçambicana Culturarte apresenta um espectáculo extra — *Mafalala*, uma coreografia de Panaibra Gabriel.

BLUE MOON TRAVELS | 21H00 SEX 4

Os Blue Moon Travels apresentam em concerto uma viagem pelo tempo e pela história das músicas que de alguma forma estiveram ligadas ao jazz. Entre outros, são interpretados temas de Edu Lobo, Miles Davis, George Gershwin, Chick Corea, etc.

CULTURARTE | 23H00 SÁB 5

Mafalala é um dos primeiros bairros suburbanos surgidos em Maputo, antes da independência, habitado por moçambicanos que para ali migravam em busca de trabalho. Após o espectáculo haverá um colóquio com o encenador Panaibra Gabriel.

LA VIE EN ROSE | 21H00 DOM 6

Sylvie C. (voz), Gabriel Godoy (guitarra) e Carlos Lopes (acordeão) interpretam temas célebres da música francesa. Sylvie C., a vocalista do grupo, tem actuado no Casino Estoril e no Hot Club de Lisboa. Editou recentemente *La vie en rose*.

QUARTETO MÉXICO | 21H00 QUA 9

Radicado em Portugal, este quarteto tem-nos apresentado os ritmos mexicanos *mariachi*, e as suas interpretações originais de temas latino-americanos. O grupo é constituído por quatro vozes, acordeão, guitarra e viola mexicanas, e viola clássica.

MÚSICA NA ESPLANADA

TRIO TRÍPTICO | 21H00 SEX 11

O Trio Tríptico, constituído por Pedro Zamora (viola), Gueorgy Titov (viola) e Jorge Garcia (percussão) reúne três músicos que juntam os ritmos latinos à música clássica, e à bossa nova. A única linha orientadora deste espectáculo é a improvisação.

RODA DE CHORO DE LISBOA | 21H00 DOM 13

A Roda de Choro de Lisboa é um projecto de músicos portugueses que aborda o repertório clássico do *chorinho*, respeitando-o, mas criando algumas surpresas. São também abordados neste espectáculo ritmos como o fandango, o corridinho ou o fado.

ON DIXIE | 21H00 TER 15

O sexteto On Dixie apresenta uma recriação do ambiente jazzístico de Nova Orleães do início do século XX. Do Ragtime ao Blues, passando pela improvisação polifónica, são interpretados temas de Louis Armstrong e Fats Waller, entre outros.

GROOVE4TET | 21H00 SEX 18

O quarteto Groove4tet, formado em Lisboa, tem-se apresentado nos principais bares de jazz da capital: Onda Jazz, Maxime, Speak Easy e Catacumbas. Para além dos temas originais a banda interpreta temas de James Brown e Maceo Parker.